

“Uma reflexão, através de uma ação metódica e repetitiva... Os outros, finalmente, somos nós mesmos”¹

Introdução

Pode-se dizer que a arte, entre uma infinidade de definições que a história já lhe concebeu, é, entre outras coisas, uma das melhores representações da condição humana. Ainda que o artesanato possa — e deva — ser vendido como mercadoria, a essência da arte — que é a sua *gratuidade* — descobre, mais que quase todas as outras atividades do homem, aquilo que ele é. Quer dizer; através da produção artística de um povo é possível aproximar-se de sua condição humana mais intrínseca. Para investigar o contexto latino-americano de hoje, o que se faz em arte – produção artística, museologia, organização de instituições, exposição, eventos, e etc. – certamente se apresenta como um caminho que oferece interessantes possibilidades para o entendimento da condição social humana na América Latina. A diferença e a semelhança entre nós mesmos tem no âmbito cultural um de seus mais privilegiados campos de expressão. A alteridade, assim, se constitui na atividade essencial para descobrir exatamente o que nos une: principalmente nas distinções que justamente são aquilo que nos mostram nossa origem em comum.

Contexto

No primeiro semestre do ano de 2009, por conta de uma bolsa de intercâmbio promovida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (Brasil), em conjunto com a *Universidad Nacional de Asunción – UNA* (Paraguai), aportadas pelo Programa Escala Estudantil, do Grupo Montevideo (AUGM), tive a felicidade de estar quatro meses na cidade de Assunção, matriculado no quarto — último— ano do curso de filosofia na Faculdade de Filosofia da UNA. Durante este tempo, aproveitei para percorrer os museus da capital paraguaia. No *Centro de Artes Visuales – Museo del Barro*, fiz muitas visitas, e no *Centro Cultural de España Juan de Salazar*, outras inumeráveis, além de museus como *El Cabildo*, *La Casa de la Independencia*, e o

¹ Título original: “*Una reflexión, a través de una acción metódica y repetitiva... los otros, finalmente, somos nosotros mismos*”

Museo de Bellas Artes, entre outros. Nestas visitas, pude ir aprendendo, pouco a pouco, algumas características concernentes ao tema da identidade latino-americana, através do campo da arte, e o que este modo de ser e de se organizar, dentro deste âmbito, envolve e implica.

Nas visitas aos museus, o que se pode perceber é o fato —salutar, quem sabe, para quem seja da área— de não ser apenas o que está exposto —propriamente o conteúdo da exposição em cartas no museu— aquilo que ‘definiria’ um caráter latino-americano, se não que junto a isso (e às vezes principalmente) a maneira como se apresentam as organizações artísticas: desde a recepção pessoal, por exemplo, até a iluminação dos ambientes, passando por outros pormenores. É claro que o que está em exposição é, ao fim, o mais importante, do ponto de vista ‘artístico’, cujos museus se destinam, mas até que se chegue ao material artístico específico, muitas outras coisas nos dão a essência de um espírito latino-americano.

Nesse contexto, por conseqüência destas e de outras observações, decidi entrevistar as pessoas responsáveis por alguns dos museus que pareceram mais significativos em Assunção: os já citados *Centro de Artes Visuales Museo del Barro*, e o *Centro Cultural de España Juan de Salazar*. Além do Paraguai, estive também na Bolívia. Neste país, tão *sui generis* como o paraguaio, visitei outros museus e centros culturais, e, pelos mesmos motivos antes apresentados, entrevistei alguns diretores e coordenadores. Na cidade de Santa Cruz de la Sierra, os escolhidos foram o *Centro Simon I. Patiño* – um belo espaço cultural –, e a *Manzana 1 – Espacio de arte*, ambos no centro da cidade. Em Sucre, capital constitucional da Bolívia, a entrevista foi com o coordenador do *Museo Nacional de Etnografía y Folklore – MUSEF*, mantido pela Fundação Cultural do Banco Central da Bolívia.

As entrevistas, na verdade, foram conversas, e a esperança é que parte delas, trazidas aqui, sejam elementos que agreguem informações à tarefa sempre iniciante, pois imensa, de decifrar nossa identidade latino-americana, através das características que nos definem diferentes entre nós, mas iguais perante os outros, numa diversidade que nos une.

Centro de Artes Visuales Museo del Barro – Asunción, Paraguay:

Valorização da cultura através do reconhecimento do trabalho (artístico- artesanal)

A história do *Centro de Artes Visuales Museo del Barro*, no Paraguai, é bastante interessante e reveladora. Lia Colombino, filha de Carlos Colombino, um dos fundadores do museu, e atual diretora da parte de arte indígena da instituição, conta que o museu foi construído em várias etapas. O *Museo del Barro*, onde se encontra hoje, localizado na parte oeste da cidade, distante do centro, começou a ser construído no ano de 1979. Antes disso, funcionava em uma casa na cidade de San Lorenzo, na grande Assunção, por iniciativa do artista Carlo Colombino, já reconhecido em seu país e fora dele.

No mesmo período, Tício Escobar, atual ministro da Cultura e Educação do Paraguai, havia inaugurado, no ano de 1974 (ano em que esteve preso, por conta da ditadura de General Stroessner), a galeria de arte “Artesanos”. Tratava-se de uma casa onde as pessoas iam para fazer pequenos trabalhos artísticos e vendê-los. Neste local, Tício, um dos maiores críticos de arte paraguaios, começou a escrever sobre arte, para catálogos e outras publicações. Junto a Osvaldo Salerno, outro artista, que conhecia Tício por conta de trabalhos de arquitetura, começaram a fazer trabalhos junto a Colombino, e a idéia do *Museo del Barro* tomou força. No ano de 1984, então, inaugurou-se a primeira sala.

O museu resultou de uma união de três coleções de distintos ‘tipos’ de arte, que acabaram por agregar-se em um mesmo edifício. O *Centro de Artes Visuales Museo del Barro*, desta forma, é composto pelo *Museo de Arte Indígena* (parte indígena), pelo *Museo Paraguayo de Arte Contemporánea* (parte urbana), e pelo próprio *Museo del Barro* (parte campesina). São três exposições permanentes, cada uma referente ao seu ‘estilo’, e ainda mais duas salas para exposições temporárias, o que compõe o complexo do museu.

O que vale destacar, entre outras coisas, desta história, é uma das motivações da

criação do museu. Lia lembra que no início, o museu estava localizado em San Lorenzo porque de alguma maneira estaria mais perto de artistas populares, que se encontravam ali trabalhando. O problema é que pouca gente ia até lá para comprar sua produção. A idéia era, então, criar um mercado para que esses artistas não deixassem de trabalhar com artesanato, e evitar que, ao fazerem isso, passassem a se empregar como domésticas, cabeleireiras, e etc. “A idéia, afirma Lia, era que esses artesãos pudessem viver daquilo que faziam. Logo, um dos fatores fundamentais para a criação de um espaço de arte foi — e continua sendo— a valorização da cultura própria através não somente do reconhecimento do trabalho artístico e artesanal popular, mas do seu incentivo e apoio”.

Provavelmente por conta desta concepção, e certamente por outras que moldam o espírito do museu, não é raro sentir o encanto que emana daquilo que nele se exhibe. Em cada visita, é possível desvelar muitas das características mais peculiares do povo paraguaio, seja na sua parte de arte popular, seja na sua parte de arte indígena, seja na sua parte de arte contemporânea. Praticamente toda a exposição do seu acervo está organizada de modo a alentar, naturalmente, a condição de um povo que tem por característica inerente uma alegria que, cheia de cor e de ingenuidade — que não é ignorância, nem falta de sabedoria — parece conseguir tornar a vida simples e bela, de maneira muito semelhante aquilo que se sente e percebe nas ruas de Assunção.

Centro Simon I. Patiño – Santa Cruz de la Sierra, Bolívia: Confissões e intercâmbios

No *Centro Simon I. Patiño* da cidade boliviana de Santa Cruz, a diretora Roxana Moyano explica que “ a instituição é parte da Fundação Simon I. Patiño, fundada na década de 1950, pelos herdeiros do ‘Grande Barão do Estanho’, Simon Patiño. O objetivo da fundação é o desenvolvimento da Bolívia, e, no país, conta com nove projetos, dos quais dois são hospitais, três centros culturais (destinados à promoção de arte e cultura), e os demais são fazendas de agroecologia. O último a ser inaugurado foi justamente o de Santa Cruz, no ano de 2004. Os outros ficam em La Paz e Cochabamba.” No centro de Santa Cruz, há três espaços para exposições de arte, uma biblioteca especializada em ecologia, e um auditório, com uma agenda variada, incluindo seminários, oficinas, e outras atividades.

Roxana exemplifica o impacto do centro cultural na cidade recordando que até o ano de 2004 havia poucos projetos culturais que não fossem ligados à secretaria municipal de cultura. Por isso, também, o centro possui um ótimo diálogo com a população *cruceña*. A diretora explica que a Bolívia ainda passa por um momento de profundas mudanças, como muitos países na América Latina. Assim, aquilo que corresponde à parte da instituição que coordenada, como uma instância privada, é tentar aportar o que for necessário para essas mudanças, através da promoção de atividades culturais.

Dentro deste contexto, mais especificamente sobre a expressão artística, Roxana destaca algo que parece muito interessante para o processo de auto-conhecimento latino-americano. Dentro deste período de transformações na Bolívia, uma das características das obras de arte nele produzidas é a intimidade. “*Os trabalhos, conta Roxana, são muito íntimos, quase confessionais. É como se fosse a forma “possível” de revelar-se frente a todo um processo que vem de muitos anos (e ainda é muito vivo e atual), presente na vida de toda população através de instâncias como a igreja e a sociedade civil, entre outras. “Necessitamos nos confessar”, são as palavras da diretora, ao dizer que muitas das obras mais marcantes desse período refletem exatamente isso: os conflitos internos do sujeito latino-americano.*

Contudo, é importante salientar que o centro cultural não expõe unicamente obras de artistas bolivianos. Na semana desta entrevista, a exposição de arte que ocupava dois pisos do edifício — que possui quatro— se chamava “Amistades Transicionales”. No texto que apresentava a mostra, Roxana iniciava dizendo que: “*O intercâmbio de experiências e de critérios é necessário para o crescimento de qualquer entorno cultural. Neste sentido, o Centro Cultural Simon I. Patiño tem um compromisso de participação no meio social boliviano*”. Na mostra, montada especialmente para o Centro Simon Patiño de Santa Cruz, uma seleção de artistas que trabalham em Nova Iorque, Estados Unidos, exibia pinturas, fotografias e vídeos.

Tendo em conta os dois pontos destacados pela diretora Roxana – a *confissão* e o *intercâmbio* – poderíamos chegar a um termo que talvez conjugasse o estado do espírito atual da arte em Santa Cruz: uma espécie de *abertura*. Quiçá, este estado não fosse somente no âmbito da arte, e também não somente em Santa Cruz e na Bolívia. Talvez a necessidade de confissão leve à necessidade de intercâmbio, e vice-versa,

porém certamente o que as duas posições exercem é uma anteposição a qualquer tipo de exploração. Tal abertura – dada por essa confissão e por esse intercâmbio possíveis – parece ser uma iniciativa que se caracterizaria pela proposta de um ‘jogo limpo’ nas relações sociais e humanas: lugar possível onde confessar-se e intercambiar-se. A frase de Wittgenstein, utilizada pelo curador da mostra, poderia elucidar tal contexto: “*Quiçá o que é inexpressável (o que acho misterioso e não sou capaz de expressar) é o fundo contra o qual o que pudesse ser expressado tenha o seu significado*”.

A confissão e o intercâmbio poderiam ser entendidos, assim, como expressões de características — entre outras — da condição humana latino-americana contra um fundo da condição humana em geral, que parece sempre inexpressável.

Museo Nacional de Etnografía y Folklore – MUSEF – Sucre, Bolívia: A hospitalidade para a memória

Gustavo Aguilar diz que a sucursal do *Museo Nacional de Etnografía y Folklore* já está há cinco anos na cidade de Sucre. É importante dizer que o museu é uma instituição de caráter cultural que depende da Fundação do Banco Central da Bolívia, administradora de outros centros culturais, como a *Casa de la Libertad*, o *Archivo y Biblioteca* (ambos em Sucre), o *Museo de Arte de Potosi*, e o *Museo de Arte de La Paz*, entre outros. O objetivo principal, em breves palavras, diz Gustavo, seria o de dar maior cobertura e acesso à cultura local.

A inauguração do museu se deu com uma exposição de máscaras, denominada “*Memória y Diversidad*”. As máscaras, expostas com uma explicação histórico-social particular uma a uma, fazem um belo trabalho de resgate cultural dos costumes do povo da região. A exposição fica na sala mais bonita do museu. Na charmosa casa que se transformou no MUSEF, há duas exposições permanentes e outras duas salas para mostras temporais. A outra exposição permanente, à parte as máscaras, leva o nome de “*Cultura Uru Chipaya*” e conta, em detalhes, através de textos, fotografias, gráficos e vitrinas, a formação da população nesta parte da Bolívia. Nas salas temporais, na semana desta entrevista, havia uma exposição que trazia mapas dos países da América Latina acorrentados, e outra que *exibia “Las Molas, historia y tradición del pueblo Kuna del Panamá”*; ou seja, todo o museu tomado por temas latino-americanos.

O que parece mais importante ressaltar da conversa com Gustavo, no entanto, é a maneira como este patrimônio histórico é gerenciado. Durante a entrevista, o coordenador não falou nenhuma vez de trâmites burocráticos ou outra coisa deste gênero, mas manteve seu foco na relação da instituição museológica com seu público. A idéia principal do coordenador, que reflete a idéia e o espírito do museu, recai sobre a qualidade de acolhida ao público. *“Além de ser um dos únicos museus em Sucre com entrada gratuita, a preocupação fundamental é em relação à maior ‘cobertura’ ao público”*, garante Gustavo.

O principal exemplo do coordenador é no tocante às crianças: *“Quando vêm os estudantes, nós somos talvez permissivos, porque queremos que mude o sentido de museu; que não seja considerado um mausoléu. Na sala de máscaras, para um público de quatro a seis anos, não vamos dar uma explicação desde um ponto de vista artístico, mas que temos ali pessoas feitas de osso, pessoas que se parecem com animais, e etc... vamos indicando o que olhar, de forma que este público aproveite a visita. Foi estabelecido desde o início das atividades deste museu que seu protagonista é o público, recorda o coordenador. A idéia que dá base a esta visão é a de que o museu não só existe em função das coleções, mas que necessita de um público que acuda a essas instâncias, no sentido de torná-las vivas. Assim se estabeleceria a idéia de que todos sejam promotores e difusores da cultura”*.

Conclusão

As conclusões, deste modo, não seriam muito diferentes do que a junção das idéias principais de cada um dos diretores dos museus citados. Através das atitudes enfatizadas pelos coordenadores das instituições, seria possível ter traços de um quadro da condição humana atual na América Latina, a partir de tais iniciativas exercidas por instituições que têm suas atividades voltadas para o público num dos âmbitos mais importante: o cultural. Evidentemente que tratam-se de traços enfocados a partir do campo da arte. Contudo, como posto anteriormente, a arte – e aquilo que a envolve e lhe sustenta – se caracteriza como uma das atividades humanas pelas quais mais seria possível acercar-se e desvelar aquilo que o homem é.

Assim, poderiam ser invocadas as palavras de Pierre Levy, quando diz que

“um artista pode, ao apoderar-se de uma maneira de expressão herdada das gerações precedentes, fazê-la evoluir (...) esta é uma das principais funções sociais da arte: participar da invenção contínua das línguas e signos de uma comunidade. Mas o criador da linguagem é sempre um coletivo” (LEVY,1994).²

O que poderíamos entender como a possibilidade de imaginar um coletivo de museus criando uma linguagem que envolvesse as idéias de *valorização* da cultura através do *reconhecimento* do trabalho (Museo del Barro, Assunção), da necessidade e prática da confissão e do intercâmbio (Centro Simon I. Patiño, Santa Cruz de La Sierra) e da hospitalidade e acolhida para tratar com a memória cultural e histórico-social (MUSEF, Sucre).

Leopoldo Zea, quando descreve o latino-americano de origem ibera, ainda no meio do século passado, fala de uma condição de espera: de que uma característica do ibero-americano é crer em algo que não sabe que é, mas que espera que aconteça. Zea classifica-o como um expectante, ao dizer que:

“o passado representa o que não se quer e o futuro o que não se pode por obra disso que não se quer. Entre ambos, não fica nada mais que o presente, o presente em que se faz consciente de suas relações. Um presente que nada quer de seu passado nem nada pode para um futuro sem apoio. Em outras palavras, um puro presente em expectativa de algo que há de sobrevir pela pura força da vontade, do desejo” (ZEA,1984).³

O mais interessante é que quando perguntada sobre o futuro da Bolívia e da América Latina, tanto em termos de arte, como em outras áreas, Roxana Moyano, diretora do *Centro Simon Patiño*, de Santa Cruz de la Sierra, recordou uma jornalista argentina que poucos meses antes havia dito: *“quem sabe o que vai ocorrer na Bolívia está mal informado”*. O que nos permitiria concluir, assim, finalmente, com a idéia de que ainda expectantes em relação a nós mesmos, talvez o que nos caiba seja, ao fim, ou momentaneamente, *“uma reflexão, através de uma ação metódica e repetitiva...”* (de

² LEVY, Pierre. *La Inteligência Colectiva*. Paris: La Decouverte, 1994.

³ ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. Barcelona: Ariel, 1984.

investigação acerca de nossa identidade), para que possamos descobrir, ao cabo, que “... os outros, finalmente, somos nós mesmos”.

Referências bibliográficas

MOYANO, Roxana. *Catálogo da exposição “Amistades Transicionales”*, Centro Simon I. Patiño – Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 2009

LEVY, Pierre. *La Inteligência Colectiva*. Paris: La Decouverte, 1994.

ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. Barcelona: Ariel, 1984.